

A vontade em Schopenhauer e as pulsões na psicanálise: impulsos e ambivalências

The will in Schopenhauer and the drives in psychoanalysis: pulses and ambivalences

Carlos Sapelli

Mestrando em Filosofia pela PUCPR

Psicólogo com atuação em clínica psicanalítica

Professor da Associação Catarinense de Ensino - Faculdade Guilherme Guimbala

E-mail: sapelli@ig.com.br

Resumo: Na tentativa de estabelecer uma relação entre a filosofia e a psicanálise, mais especificamente entre Schopenhauer e Freud, este trabalho objetiva um diálogo entre a maneira como Schopenhauer concebe a vontade e o modo como Freud considera as pulsões. Lembramos das palavras de Almeida, em *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, na passagem em que o filósofo afirma que seria mais exato dizer que a vontade em Schopenhauer, assim como as pulsões em Freud, têm de fato um objeto, entretanto, esse objeto nunca é totalmente colmatado ou dominado, porquanto nenhum deles seria suscetível para mitigar a fome do desejo. Assim, torna-se inescapável o paradoxo que salienta a tensão intrínseca entre o intervalo de tempo em que encontramos uma reconciliação com o ímpeto fundamental. Brevemente o dissipamos, mas o despertar dos anseios marcados pela insaciabilidade do sempre querer mais, mostram a verdadeira aceção do que é o desejo.

Palavras-chave: Vontade; Pulsões; Ambivalências.

Abstract: In an attempt to establish a relationship between philosophy and psychoanalysis, more specifically between Schopenhauer and Freud, this work aims at a dialogue between the way Schopenhauer conceives the will and the way Freud considers the drives. We remember the words of Almeida, in *Eros and Thanatos: life, death, desire*, the passage in which the philosopher says it would be more accurate to say that the will in Schopenhauer, as well as the drives in Freud, have in fact an object, however, that object is never completely bridged or dominated, since none of them would be likely to mitigate the hunger of desire. Thus, it becomes an inescapable paradox that highlights the inherent tension between the time in which we find a reconciliation with the fundamental impetus. Briefly we dissipate it, but the reawakening of desire marked by the insatiability of always wanting more, shows the true meaning of desire.

Keywords: Will; Drives; Ambivalences.

Considerações preliminares

Arthur Schopenhauer e Sigmund Freud são pensadores que se aproximam e se distanciam. Por consequência, convém dizer que palavras como aproximação e

distanciamento são características peculiares da interlocução da filosofia com a psicanálise. Com os devidos cuidados, Freud se reportou a Schopenhauer em alguns de seus textos, reconhecendo sua influência com admiração. Em se tratando da filosofia schopenhaueriana, não se trata somente de mais uma referência filosófica em meio a elaboração teórica freudiana.

Notamos a veracidade de nossa afirmativa, sobretudo, em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), no qual Freud revela: “Muitos filósofos podem ser citados como precursores e, principalmente, o grande pensador Schopenhauer, cuja ‘vontade’ inconsciente pode ser equiparada às pulsões psíquicas de que fala a psicanálise”¹ ; também destacamos *Um estudo autobiográfico* (1924-25), pois a despeito de ter lido Schopenhauer muito tarde em sua vida, ressalta que a psicanálise coincide em alto grau com a obra do filósofo alemão, já que o pensador também confirma o domínio das emoções e a soberana importância da sexualidade².

De fato, a relação entre a filosofia e a psicanálise é tempestuosa, porém, também não é litigiosa. O que verificamos é um inventor (Freud) com a descoberta de um novo território, estabelecendo fronteiras entre sua invenção – a psicanálise – e tudo aquilo que a circundava. Na tentativa de estabelecer uma relação entre a filosofia e a psicanálise, mais especificamente entre Schopenhauer e Freud, este trabalho objetiva um diálogo entre a maneira como Schopenhauer concebe a vontade e o modo como Freud considera as pulsões, buscando compreender em que ponto os conceitos em questão se relacionam e convergem. Primeiramente e em linhas gerais, ressaltaremos a concepção schopenhaueriana da vontade – ímpeto essencial da vida que impulsiona os seres, afirmando-se e negando-se, embora jamais sendo extinta, e sua relação com o mundo enquanto representação. Depois, levaremos em consideração a teoria freudiana das pulsões, as descobertas, reelaborações, com um breve vislumbre da releitura lacaniana, tendo como norteadora a dualidade pulsional. E, adiante, analisaremos os dois posicionamentos em busca de convergências. Para tanto, utilizaremos como referência principal as reinterpretações do filósofo Rogério Miranda de Almeida, em seu livro *Eros e Tânatos: a morte, a vida, o desejo*.

¹ FREUD, S. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, p. 153.

² FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*, p. 62.

Do mundo como vontade: comentários em torno do ímpeto fundamental do ser humano

Schopenhauer, no Livro Primeiro de sua obra magna, *O mundo como vontade e como representação*, afirma que a existência ou o que existe para o conhecimento (o mundo inteiro), é apenas objeto em relação ao sujeito, noutra palavra, representação. Desse modo, tudo o que existe ou pertence, ou ainda pode pertencer ao mundo, depende do sujeito e existe apenas para este, ou seja, o mundo é sua representação.

Todavia, seguindo esse preceito, e quanto ao sujeito? De que modo elucidá-lo? A partir dessas primeiras indagações, se tudo aquilo que existe pertence a representação do sujeito, outro questionamento se impõe: como podemos nos aproximar da origem daquele que conhece e ao mesmo tempo não é conhecido por ninguém?

Nesse sentido, pensamos na íntima essência das coisas e em algo que não tem sua origem no fenômeno. O mundo, por seu turno, não está submetido totalmente ao princípio de razão, pois o mundo objetivo, àquele que conhecemos, não é o único, e sim um lado do mundo, tido como seu lado exterior. Do outro lado, temos uma realidade que precisa ser considerada porque remete a sua essência íntima, neste caso, um mundo além da representação se descortina: o mundo como vontade. Conforme Schopenhauer:

Assim terei logrado comunicar a certeza distinta de que este mundo, no qual vivemos e existimos, é, segundo toda a sua natureza, absolutamente VONTADE e absolutamente REPRESENTAÇÃO; que esta representação, enquanto tal, já pressupõe uma forma, a saber, objeto e sujeito, portanto é relativa; e que, se perguntarmos o que resta após a supressão dessa forma e de todas as outras subordinadas, expressas pelo princípio de razão, a resposta é: esse algo outro, como *toto genere* diferente da representação, nada pode ser senão a VONTADE, a qual neste sentido, é propriamente a COISA-EM-SI³.

Ao mencionar que a vontade é a única coisa que o mundo desvela para além da representação, o filósofo também quer demonstrar que essa vontade constitui a essência de toda a realidade, visto que, diferentemente do lugar destinado à representação, a íntima essência do mundo deve ser procurada na própria vontade enquanto propulsora

³ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 228.

da vida.

De fato, a vontade se encontra indivisa e em toda parte, por exemplo: “Na pedra que cai, na atração entre os sexos, na gravitação universal, na flor desabrochando [...] enfim, na natureza em geral como vontade de vida”⁴. Schopenhauer chega a dizer que a vontade sempre quer a vida, pois a vontade de vida a vida é certa. Ademais, se a vontade é veemente, tanto mais verificamos o seu conflito e o seu intenso sofrimento, neste caso, seria melhor a negação da vontade e não a sua afirmação. A vontade não apenas afirma a si mesma, pois também há o oposto dessa consideração da afirmação da vontade de vida, quando o conhecimento que aparece leva todo o querer ao seu término, como uma negação da vontade de vida (um caminho ético de libertação seguido pela figura do asceta). Mas conforme nosso objetivo, precisamos explicitar alguns pontos importantes no que se refere à vontade como partícipe da vida do sujeito e sua relação com o mundo fenomênico e, além disso, conceituá-la como *sem fundamento* e num eterno vir-a-ser.

É curioso observar que, para além da representação e da vontade, nada é conhecido e pensável. Exceto o fato de que o corpo dá indícios visíveis dos seus movimentos voluntários como um cânone da essência deles (sinal do próprio ímpeto da vontade), temos notícia de que esse corpo também é objeto da intuição ou meramente figurado como representação. Mas os movimentos do corpo são atos concretos da vontade e surgem simultânea e imediatamente com o corpo em seus atos. É evidente que os atos da vontade podem ser fundamentados externamente, ou seja, eles têm um fundamento exterior, inclusive, nos motivos que levam à ação⁵. Em conformidade com isso, dizemos que o querer humano é representado por circunstâncias gerais e em acontecimentos temporais, caracterizando-se, com o auxílio de máximas, todo o querer do homem. Agora, se contrariamente pensarmos na vontade mesma, fora do âmbito da lei dos motivos que orientam as escolhas, os lugares e as pessoas, toda a essência do querer não pode ser solucionado por motivos, já que são verificáveis apenas em ocasiões em que a vontade se mostra. Como assevera o próprio Schopenhauer:

Apenas seu fenômeno em dado ponto do tempo é necessariamente determinado por tal lei. Assim, só ao fazer a pressuposição de meu caráter empírico é que o motivo é fundamentado suficiente de

⁴ BARBOZA, J. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*, p. 50.

⁵ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 164.

explicação de meu agir. Se, contudo, abstraio o meu caráter e pergunto por que em geral quero isso e não aquilo, então resposta alguma é possível, justamente porque apenas o FENÔMENO da vontade está submetido ao princípio de razão, não ela mesma, que, nesse sentido, é para ser denominada SEM-FUNDAMENTO⁶.

Estabelecido o conceito de vontade como *sem-fundamento* e, tendo o ponto de vista de que o princípio de razão conjectura para todas as coisas uma razão de ser, afirmamos que não cabe à vontade nenhum porquê, causa ou razão, exatamente porque ela não os têm. A Vontade permanece estrangeira ao princípio de razão, sendo, em absoluto, sem fundamento. Nesse caminho também percorre o esboço de um argumento que tenta definir a vontade colocando-a em um formato indiviso e em todo lugar.

Um questionamento a respeito do íntimo da vontade é praticamente impossível de ser respondido porque isto exigiria um fundamento, uma razão, e a vontade tem uma atuação independente de qualquer fator, de qualquer fenômeno ou qualquer razão, pois não emana de parte alguma; em suma, metaforicamente falando, ela é um abismo. Como não há uma resposta possível para o porquê desse sem-fundamento da vontade, lembramos que uma pessoa pode até tentar, através da introspecção, captar aquilo que seria o mais íntimo de seu ser, de sua subjetividade, mas acaba sempre colidindo com a frustração, ou, de fato, caindo em um abismo. Da vontade, daquilo que emana dela, o que é possível dizer se relaciona com os reinos mineral, vegetal, animal e os homens (reafirmando que ela mesma não emana de lugar algum). Por conseguinte, observa Barboza: “Ela quer a vida cegamente em toda parte, em todos os reinos, manifestando-se, emanando da força de crescimento das plantas, da cristalização dos minerais [...] da atração apaixonada entre homem e mulher ou entre um planeta e seus satélites”⁷.

Em diálogo com a leitura que Barboza faz dessa passagem da filosofia de Schopenhauer, observamos que a vontade se exprime também através das palavras que buscam sua compreensão, assim, é correto pensarmos nela como uma força natural, que além de pertencer à condição do mundo (livremente manifesta), atua como um vigor da natureza cego, bem como nas ações refletidas e irrefletidas do homem. A vontade se difere em suas manifestações, em seus fenômenos, mas no que se refere à essência deles, ela é a mesma, ou seja, una. Soa paradoxal que o mundo em sua diversidade de

⁶ Idem, p. 164-65.

⁷ Idem, *ibidem*.

objetos, possa ser decifrado em seus enigmas exatamente com a colaboração dos variados objetos que são desvendados à medida que se mostram ao exame e apreciação dos seres, e que, entretanto, algo permanece misterioso, num sentimento praticamente não conceituável, isto é, um suposto fundamento da vontade (mas não conseguimos ir além do que conhecemos no mundo fenomênico).

Seria no mínimo ingênuo pensar que toda essa impulsão cega que é a vontade aspirasse pura e simplesmente a entrincheirar-se na sua própria cegueira. Tal ingenuidade não condiz com a realidade sobre a vontade, especificamente sobre a sua objetividade, uma vez que a vontade sempre quer retirar, desanuviar, sair de sua cegueira (que poderíamos chamar de inconsciente com certa reserva) para alcançar e adquirir vida, e por que não consciência? Desse modo, há a necessidade de um espelho para si. Conforme Barboza: “Daí a precípua função cerebral consistir em coordenar a construção da exterioridade como representação, para que a Vontade, até então cega, inconsciente, ganhe visão e, no homem, plena visão de si mesma, isto é, consciência de si”⁸. Relacionado a esse trecho, está a ação do corpo enquanto fenômeno de um ato volitivo (determinado pela vontade), no qual ela se expressa e reflete a necessária e absoluta condição, inspirada pelo ato, de ser fenômeno da vontade. Essa condição não ocorre sem a participação do corpo, que garante à situação o fenômeno da vontade, relacionando-se com ela em seu todo, desde o caráter inteligível ao fenômeno no tempo como caráter empírico, assim como qualquer ação isolada do corpo se refere a um ato isolado da vontade. Portanto, todo nosso corpo não pode ser outra coisa senão a visibilidade da vontade, na proporção mesma em que esta é objeto intuível (representação). Na primeira consideração do Livro Segundo – *a objetivação da vontade* – Schopenhauer nos recorda que as ações sobre o corpo afetam tanto imediata quanto simultaneamente a vontade e, nesse sentido, conforme ele mesmo diz: “Chama-se dor ou prazer, ou, em graus menores, sensação agradável ou desagradável; inversamente, todo o movimento veemente da vontade, portanto todo afeto e paixão, abala o corpo e perturba o curso de suas funções”⁹.

Quando Schopenhauer apresenta teoricamente seu entendimento acerca da vontade, destaca que todo ato considerado como verdadeiro, imediato e autêntico da

⁸ Idem, p. 52.

⁹ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 165.

vontade é também, respectivamente, ato fenomênico do corpo, considerando que podemos conhecer a vontade em seus atos isolados, logo, no tempo, mas não como unidade, no todo, assim como de maneira perfeita segundo sua essência. Sendo assim, Schopenhauer sublinha que sem o corpo, ou melhor, sem a implicação do corpo não é possível estabelecer uma condição de conhecimento da vontade, isto é, nas palavras do filósofo: “Não posso de modo algum representar a vontade sem representar meu corpo”¹⁰.

Conforme o autor de *O mundo*, a realidade se mostra como uma vontade irracional e cega e que, por causa disso, não a conhecemos por dedução e sim tão-somente pelo intuir imediatamente através do corpo. Segundo Almeida, o modo de conceber ou intuir as manifestações da vontade perpassa do princípio de razão, traduzido pelo tempo, o espaço, a matéria e a causalidade. Podemos afirmar, de acordo com Almeida: “A vontade *sempre tende* a manifestar-se, a objetivar-se ou a tornar-se visível neste mesmo palco de sua representação, que é o mundo fenomênico”¹¹. Dessa forma, é correto dizer que se toda ação sobre o corpo afeta simultaneamente a vontade, chamamos isso de dor (sofrimento) ou prazer (satisfação); todo movimento impetuoso da vontade, como afeto e paixão, abala o corpo e perturba o andamento de suas funções. Para Schopenhauer o corpo é o único objeto do qual não conheço somente o mundo como representação, mas também como vontade.

A vontade inerente à vida é uma aspiração inextinguível, sendo que, como Schopenhauer revela, em todas as forças da natureza inorgânica e em figuras da natureza orgânica, é a vontade única que se presentifica, ou, em outras palavras, que entra na forma de representação na objetividade. Em verdade, todas as coisas do mundo são a objetividade de uma única e mesma vontade (que possui graus determinados). Schopenhauer reconhece que podemos fornecer uma explicação ou fundamento dos fenômenos, do que é particular, porém, nunca da vontade e nem da Idéia em que ela adequadamente se objetiva. De maneira geral, um sentimento de eternidade pertence à manifestação da vontade em sua essência, cuja satisfação nunca apazigua totalmente o ser. Assim, a vontade só pode ser satisfeita ou preenchida incompleta e provisoriamente.

Nessa ótica, a vontade é una e se encontra fora do tempo e do espaço, sendo

¹⁰ Idem, p. 159.

¹¹ ALMEIDA, R. *Eros e Tântatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 254.

exterior ao princípio de individuação, ou seja, da possibilidade da pluralidade. Evidentemente, a consideração sobre os fenômenos e manifestações variadas da vontade leva a uma compreensão do sentido da doutrina kantiana, pois verificamos que tempo, espaço e causalidade não cabem à coisa-em-si, e, são, portanto, meras formas do conhecimento. É exatamente a coisa-em-si que não é representação, nem objeto do conhecimento, tornando-se cognoscível quando entra naquela forma. Entretanto, a forma, originariamente, lhe é alheia e não se torna uma com ela, até porque a coisa-em-si nunca pode ser remetida à mera forma (ao princípio de razão) e jamais pode ser efetivamente fundamentada. Noutros termos: “a coisa-em-si, como acredito ter demonstrado de modo claro e suficiente, é a VONTADE, então esta, considerada nela mesma e apartada de seu fenômeno, permanece exterior ao tempo e ao espaço, por conseguinte não conhece pluralidade alguma, portanto, é UNA”¹².

Para Schopenhauer, uma incansável e sempre renovada insaciabilidade da vontade se apresenta em todas as suas objetivações e seus fenômenos, uma vez que ao alcançarmos um fim, esse término não faz outra coisa senão marcar o ponto de partida para uma nova meta a ser buscada. E aqui já conseguimos visualizar uma relação com um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise: a pulsão, entendida como um conceito verossímil e de acordo com a ideia schopenhaueriana. Contudo, a vontade não aspira nenhuma meta, nenhum objeto ou alvo, já que seria uma pretensão errônea (ou confusão entre a coisa-em-si e o fenômeno, ao qual compete o princípio de razão) visar uma completude relativa ao objeto, ao fim, a meta, designando-a como vontade sempre associada à vontade de alguma coisa que extinguiria após ser concretizada. Por isso Schopenhauer enfatiza:

Eterno vir-a-ser, fluxo sem fim, pertencem à manifestação da essência da Vontade. O mesmo também se mostra, por fim, nas aspirações e nos desejos humanos, cujo preenchimento sempre nos acena como o fim último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos e, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos e, propriamente dizendo, embora não se admita, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas ¹³.

¹² SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 189.

¹³ Idem, p. 231.

A objetivação da vontade, via de regra, se dá numa luta entre forças, que Schopenhauer associa enquanto atração e repulsão, a primeira, no sentido da gravidade impelindo por todos os lados em direção ao centro, já a segunda, impenetrável, tornando-se rígida e resistente à primeira. Esse impacto e essa rigidez expressam como a vontade nos seus mais elementares graus, mostra o seu caráter. Vemos que se a vontade se expõe como ímpeto cego é porque está reduzida em seus mais baixos graus, no entanto, pode atingir uma capacidade imediata de conhecimento. Mesmo que haja essa capacidade, no que tange à vontade, não temos como lhe fornecer um fundamento no qual ela se objetiva adequadamente. Desse modo, interroga-se Schopenhauer: “Mas, o que quer em última instância ou, pelo que se empenha aquela Vontade que se expõe a nós como a essência íntima do mundo?”¹⁴. Schopenhauer responde que a ausência de limite e de todo fim concernente à essência da Vontade em si é um esforço que não termina.

Portanto, quando uma espécie de término é atingido, na verdade, ele incita que um novo começo decorrerá e assim por diante infinitamente. Podemos dizer que a vontade aspira à e quer manifestar-se na vida, buscando-a em todos os reinos naturais, bem como também no amor que repercute em ódio, algumas vezes levando ao dilaceramento. É o que Jair Barboza chama de “drama do mundo e de qualquer singularidade”¹⁵. Analogamente, na sua perspectiva, tal ensino a respeito da vontade, do desejo, serão considerados por Sigmund Freud e a teoria psicanalítica criada por ele, pois o psicanalista seguirá e conceberá a partir de alguns passos de Schopenhauer, dois impulsos básicos (pulsões) que são reveladores para o mundo: a pulsão de vida e a pulsão de morte, ou, como lhe aprazia também denominar: amor e ódio, Eros e Tânatos. Por um lado, uma força que constrói, e por outro, uma força que destrói. Lembramos que Freud, ao instituir esses conceitos centrais da psicanálise, mencionará Schopenhauer como um antecipador da sua criação.

Diante do que acabamos de expor, há semelhanças entre as intuições schopenhauerianas e as freudianas, sobretudo, se reportarmos as análises que Freud desenvolveu em *Além do princípio do prazer*, texto de 1920, quanto às pulsões de vida e de morte. Nesse ponto, Schopenhauer assinala que a vontade não para de se afirmar e

¹⁴ Idem, p. 229.

¹⁵ BARBOZA, J. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*, p. 52.

de se negar em um mundo de aparências e representações, mostrando-se ambivalente no incessante embate entre vida e morte e, para Freud, a ambiguidade reside nas pulsões sexuais e pulsões do eu (posteriormente, pulsões de vida e pulsões de morte) a primeira, trabalhando a favor da vida, ao passo que a segunda, impelida na direção do estado inanimado. A seguir, teceremos alguns comentários a respeito das pulsões na visão de Sigmund Freud com uma breve ponderação da teoria lacaniana.

As pulsões em Freud com a contribuição de Lacan

O termo utilizado por Freud para falar sobre esse impulso, força constante ou força que coloca em movimento, é *Trieb*. Basicamente, podemos caracterizá-la como um impulso dinâmico (*Drang*), fonte (*Quelle*), finalidade (*Ziel*) e objeto (*Objekt*). Seguindo o raciocínio de Freud, trata-se de um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico das excitações, provenientes do interior do corpo e que chegam ao psiquismo, como uma medida que lhe é estabelecida em consequência de sua ligação com o corpo. Destacamos, sob a pena de Freud:

A pulsão, por sua vez, não atua jamais como uma *forma momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*. Desde que não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ele. Uma denominação melhor para o estímulo instintual é “necessidade”; o que suprime essa necessidade é a satisfação. Ela pode ser alcançada por meio de uma modificação pertinente (adequada) da fonte interior do estímulo¹⁶.

Para Freud, o conceito de pulsão não é tão evidente e, não por acaso, na conferência XXXII “Angústia e vida pulsional”, das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, há uma complexidade inseparável da introdução ao conceito. Freud escreve: “A doutrina das pulsões é nossa mitologia, por assim dizer. As pulsões são seres míticos, grandiosos em sua indeterminação. Em nosso trabalho não podemos prescindir nem um instante delas, e no entanto nunca estamos seguros de vê-las com clareza”¹⁷. É interessante notar que a psicanálise opera através de mitos, dentre eles: Édipo, Narciso, e o próprio mito freudiano de *Totem e Tabu*. Em *Televisão*, Lacan diz

¹⁶ FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*, p. 54.

¹⁷ FREUD, S. *Angústia y vida pulsional*, p. 88.

que o mito é uma tentativa de dar forma épica ao que ocorre e vem da estrutura. Assim, ao conceber as pulsões como seres míticos, Freud já nos convida para um vislumbre com aquilo que existe de real em jogo na teoria (enquanto saber furado, faltante, já que nem tudo pode ser dito). Se retermos as palavras freudianas a partir de Lacan, veremos o paradoxo das pulsões, pois são de difícil apreensão e ao mesmo tempo fundamentais ao trabalho analítico¹⁸.

Na tentativa de defini-las conceitualmente – considerando, mais adiante, a pulsão de vida e a pulsão de morte – podemos mencionar que a pulsão, como um dos quatro grandes conceitos da psicanálise, é o motor da vida. Em outros termos, a pulsão tem a ver com estímulo, quer dizer, é um estímulo aplicado à mente, ou, é aquilo que está entre o somático e o psíquico. Como uma força motriz da vida, a pulsão sempre parte de uma necessidade, de um acúmulo de estímulo, de um formigamento que quer *vir a ser* ou existir¹⁹.

De acordo com a enunciação do criador da psicanálise, descreveremos sucintamente os aspectos da pulsão. A fonte de uma pulsão é sempre o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pela pulsão. Por impulso ou pressão, compreendemos o seu elemento motor, a somatória de força ou a medida de atividade que representa. A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões, o que é, de fato, sua própria essência. No que se refere à finalidade, o que a pulsão sempre busca é a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão, mas não podemos esquecer de mencionar que essa satisfação é parcial e pode experimentar desvios e inibições. Para compreendermos o que significa o objeto, dizemos que é aquele com o qual a pulsão pode alcançar a sua meta, além de ser o que é mais variável, assim, pode ser mudado no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre ao longo da vida. Em resumo, segundo Perez: “A finalidade é sempre a obtenção de satisfação e seu objeto – isto é, aquilo com o que a pulsão se satisfaz – é variável [...] pode ser qualquer objeto exterior – como outra pessoa –, mas também pode ser uma parte do próprio corpo²⁰”.

¹⁸ CARNEIRO RIBEIRO, M. A pulsão e seus destinos. In: CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita; MOTTA, Manoel Barros da. (Orgs.). *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*, p. 44-45.

¹⁹ SKAF, C. *Anotações pessoais da aula da Unidade I – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: introdução (pulsão)*. Escola Brasileira de Psicanálise (EBP - Delegação Paraná), Curitiba, 2013.

²⁰ PEREZ, D. *O inconsciente: onde mora o desejo*, p. 45.

A despeito da pulsão estar ligada à necessidade de se alimentar e da busca por satisfação sexual, ela não deve ser confundida com necessidade natural, como se fosse definida pela biologia. Freud propôs, antes de 1920 e da sua descoberta da pulsão de morte, que diferenciássemos dois grupos de tais pulsões primordiais: as pulsões do eu ou de autoconservação e as pulsões sexuais. Essa proposição resultou no desenvolvimento histórico da psicanálise, que teve como primeiro objeto as psiconeuroses, precisamente, aquelas denominadas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) e por meio delas compreendeu e concluiu que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do eu se encontra na raiz de cada uma dessas afecções.

Podemos afirmar que a relação entre os dois tipos de pulsões acontecem da seguinte forma: as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação, adquirindo desse modo uma fonte orgânica, uma finalidade e um objeto; todavia, se tornam autônomas quando deixam o objeto ou o substituem por outro. No ensaio sobre a teoria sexual, Freud forneceu algumas ilustrações de situações do funcionamento pulsional para além de uma função biológica. Exemplificando: a relação entre a necessidade de alimento do bebê na sucção do seio da mãe com a satisfação da zona erógena da boca de uma mesma criança, auxilia-nos no entendimento da relação entre autopreservação e sexualidade na imbricação dos dois tipos de pulsões. Em outras palavras, o bebê se nutre e se satisfaz, mas quando não está mais satisfeito continua sugando o peito ainda depois de ter sido nutrido e acaba dormindo com a boca no seio e o corpo nos braços da mãe. O peito na boca da criança cumpre àquela função biológica de que falávamos, com o intuito de oferecer nutrientes para o corpo do bebê; com isso, é criada uma zona erógena, ou seja, o estímulo do peito na boca da criança cria uma área diferenciada do seu corpo, no qual o toque produz alguma excitação diferente da que se pode encontrar em outras zonas²¹.

Em *Além do princípio do prazer*, texto de 1920, Freud propõe uma nova dualidade pulsional a partir de suas pesquisas sobre o narcisismo e distinguirá a libido do objeto e a libido do eu, melhor dizendo, o eu passa a ser considerado como um objeto que também pode ser investido pelo sujeito. Nas palavras de Skaf, em 1914, Freud sabia, a partir de sua experiência clínica, que nas pulsões sexuais (por exemplo, no amor) circulava libido (energia psíquica), mas não sabia ao certo o que circulava nas

²¹ Idem, p. 46.

pulsões autopreservativas. Com *Sobre o narcisismo: uma introdução*, sendo o narcisismo uma etapa do desenvolvimento em que o amor está voltado para o próprio eu, Freud verificou que circulava libido nas pulsões autopreservativas, porque existia libido no eu assim como na sexualidade. Portanto, se há libido nas duas pulsões (do eu e sexuais) todas as pulsões são sexuais. Assim sendo, à medida que Freud avança em suas elaborações, as pulsões do eu são incorporadas às pulsões sexuais. Durante esse período, até a descoberta da pulsão de morte por meio dos discursos e atos de seus analisandos, Freud estabelece transitoriamente um monismo teórico em relação à pulsão.

Entretanto, como dissemos anteriormente, com a reformulação teórica de 1920, através da experiência e da descoberta na clínica de um além do princípio de prazer, a nova dualidade pulsional inclui: as pulsões de vida (sexuais) e de morte (que visariam um mais-além). Nesse texto, Freud ressalta que desde o início as suas concepções acerca desse assunto foram dualistas, mas transformaram uma primeira oposição das pulsões em uma luta entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). Para Ana Maria Rudge:

Na história do pensamento freudiano, costuma-se distinguir duas teorias pulsionais, tomando como operador desta transformação o conceito de narcisismo; este conceito justificaria a passagem da oposição entre pulsões sexuais e de autoconservação para aquela entre pulsões de vida e de morte. O principal dos motivos da mudança seria que o narcisismo marcou um momento de fracasso na perspectiva dualista, tornando necessária a virada que reconstituiu o dualismo de forma diferente²².

Dito de outro modo, ainda em relação a esse momento com a viravolta na teoria psicanalítica, as especulações sugeriram que Eros opera desde o início, desde o princípio da vida e aparece como uma pulsão de vida em oposição à pulsão de morte. Freud afirma que com essa constatação tentou resolver o enigma da vida pela suposição de que essas pulsões se acham lutando uma com a outra desde o início. Mesmo assim, admite que não é fácil acompanhar as transformações pelas quais o conceito de pulsões do eu passou, porque, inicialmente, aplicou esse nome a todas as tendências pulsionais (de que não tinha conhecimento mais preciso). E que poderiam ser distinguidas das

²² RUDGE, A. *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*, p. 33.

pulsões sexuais dirigidas ou lançadas no sentido de um objeto, opondo as pulsões do eu às pulsões sexuais das quais a libido é manifestação ou a energia da pulsão na vida psíquica.

Posteriormente, ao dedicar-se à análise do eu, Freud reconheceu que uma parte das “pulsões do eu” também é de caráter libidinal e concebeu o eu como objeto, ou seja, era o próprio eu do sujeito considerado como objeto. Desse modo podemos considerar que há uma pulsão que procura conduzir o que é vivo à morte, e outra que está perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida. Nessa passagem do texto, Freud relaciona a psicanálise com a filosofia de Schopenhauer, demonstrando que para ele a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, enquanto que a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver.

Conforme Almeida, o paralelo entre esses dois estados ou tendências estava também no texto do autor de *O mundo*. Para Almeida:

[...] em Schopenhauer se assiste a uma espécie de ritmo-hesitação na vida dos organismos: enquanto um grupo de pulsões trabalha pela conservação e a reprodução da espécie, outro grupo se lança para trás a fim de alcançar a meta final da vida, que é a morte ou o retorno ao inanimado, ao inorgânico, ou àquele estado que um dia os seres vivos tiveram de abandonar. Neste caso, seria mais exato afirmar que as pulsões de vida representam o papel de retardar a morte [...] Ora, tanto em Schopenhauer, quanto em Nietzsche e em Freud está meta nunca é realizada, pois é na iminência mesma em que o alvo está para ser alcançado que ele é mais uma vez malgrado, errado, falhado, deslocado, afastado, protelado, adiado ou, literalmente, *pós-posto*²³.

A descoberta da pulsão de morte trouxe junto à vida uma característica demoníaca, uma vontade colocada a serviço do mal, e ao mesmo tempo sabemos que sem a morte não há vida, uma vez que elas se entrelaçam e não se excluem. No texto *O mal-estar na civilização* (1930), redigido à luz do nova dualidade pulsional ou da segunda teoria das pulsões (pulsão de vida e pulsão de morte), Freud se interroga sobre a relação direta entre a força do amor (Eros), as pulsões sexuais, a vida, e a pulsão de morte como a força da destruição.

Desde a teorização freudiana, e por meio da contribuição lacaniana é, de certo modo, uma surpresa essa tão consagrada dualidade relacionada às pulsões. Lacan acabou com essa

²³ ALMEIDA, R. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 301.

dualidade questionável? Apenas em parte, já que não se trata de pulsão de vida *versus* pulsão de morte, e sim de ambas *versus* o *real*. Ao reconsiderar o antagonismo das pulsões, observando que elas estão amalgamadas, Lacan se refere a uma continuidade, pois é a mesma força que às vezes prevalece em uma, e às vezes prevalece em outra. De fato, o que circula nas duas pulsões é o gozo²⁴. Penetrar nos labirintos da pulsão de Freud a Lacan é um exercício de alta complexidade (e não o objetivamos), reconhecendo os impasses e os desdobramentos próprios do caminho conceitual de Lacan. Miller pondera: “Se, em Freud, a pulsão é conceito fundamental, fronteiro entre psíquico e orgânico, em Lacan ela aparece a princípio como fronteira entre simbólico, uma vez que é estruturada pela intencionalidade do desejo, imaginário e real²⁵”. Assim, não temos como escapar das vicissitudes pulsionais.

Nesse momento, não cabe desenvolver aqui as vicissitudes ou os destinos da pulsão, mas apenas citá-los, a saber: a transformação no contrário; retorno à própria pessoa; repressão (recalque) e sublimação. Esses são os modos das vicissitudes da pulsão enumeradas por Freud que se realizam nas quatro maneiras citadas acima. Chamamos a atenção para os mecanismos de recalque, que funda o inconsciente, e a sublimação, ambos também tratados no texto de 1930, no qual Freud mostra como a repressão ou o recalque das pulsões e os mecanismos sublimatórios dão origem à cultura e colaboram com a organização social. Perez, em seu livro *O inconsciente: onde mora o desejo*, escreve: “Entre a força do amor e a pulsão de morte se desenha o sentido da vida pela via da sublimação”; isto é, a pulsão que sai do inorgânico para um dia retornar a ele pode se entregar na contemplação da beleza das coisas aprazíveis, que se tornam decisivas nesses instantes em que toda a vida se demora em atos de sentido, prazer e verdade.

Em seguida, veremos que a relação entre a vontade em Schopenhauer e as pulsões em Freud se torna ainda mais visível devido ao caráter ambivalente e ambíguo dessas enunciações que não cessam de se encontrar e desencontrar, de se emaranhar e desemaranhar, de lutar e de cooperar e, por fim, de se opor e de se superar.

Diálogo entre a vontade schopenhaueriana e as pulsões da teoria psicanalítica

²⁴ SKAF, C. *Anotações pessoais da aula da Unidade I – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: introdução (pulsão)*. Escola Brasileira de Psicanálise (EBP – Delegação Paraná). Curitiba, 2013.

²⁵ MILLER, J. *Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*, p. 101.

Observamos que Freud e Schopenhauer se aproximam conceitualmente quando apontam que a natureza humana é marcada pela ambiguidade e pelo eterno conflito que movimentam a vida dos seres humanos: construção, desconstrução, amor e ódio, satisfação e insatisfação. A vontade e as pulsões trazem uma tensão que parece insolúvel, porém, do mesmo fio que é tecida a angústia também é confeccionado o desejo. Muitas vezes as duras penas, outras, sem possibilidade de uma articulação. Nesses conceitos, o pensamento schopenhaueriano e as ideias freudianas convergem porque traçam um caminho sobre o qual o sofrimento é inevitável e as forças que atuam e regem os momentos que vivemos instalam um embate perene entre a vida e a morte.

Essa vontade que Schopenhauer designa como uma impulsão fundamental é a mesma que se manifesta como força que anima e vivifica toda a realidade. Ela acarreta sofrimento, pois a sua objetivação se mostra por meio de uma contínua dilaceração da natureza – que compreendemos como o mundo fenomênico – ou, conforme denomina o autor a partir de um conceito da escolástica –, trata-se do *princípio de individuação*. Schopenhauer concentra suas análises em torno da vontade, principalmente no Segundo Livro, o que nos leva a sentir todas as divisões e paradoxos que a leitura impõe.²⁶

Reconhecemos a definição da vontade em si que é puramente destituída de conhecimento, sendo um irresistível ímpeto cego – pois o seu conhecimento volitivo, assim como seu conhecimento sobre aquilo que ela quer, é nada senão este mundo (a vida como ela é). Portanto, o universo dos fenômenos, ou seja, o mundo fenomênico, é denominado como sua objetividade ou seu espelho. Podemos afirmar que toda a vida é uma exposição desse querer da Vontade à representação, sendo indiferente a escolha do nome vontade ou vontade de vida (embora essa última possa soar como um pleonasma). Desse modo, Schopenhauer afirma: “A Vontade é a coisa-em-si, o conteúdo íntimo, o essencial do mundo, e a vida, o mundo visível, o fenômeno, é seu espelho [...] este mundo acompanhará a Vontade tão inseparavelmente quanto a sombra acompanha o corpo”²⁷. Se há Vontade, certamente encontraremos vida e mundo.

Eduardo Ribeiro da Fonseca, em sua tese de doutorado intitulada *Psiquismo e*

²⁶ ALMEIDA, R. A vontade em Schopenhauer e o desejo em Freud e Lacan. In: MURTA, Cláudia Pereira; BOCCA, Francisco Verardi; SIMANKE, Richard Theisen (Orgs.). *Psicanálise em perspectiva*, p. 72-73.

²⁷ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 358.

Vida: o conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche (2009), afirma que a Vontade como princípio irracional do mundo, coloca-se exasperadamente à consciência pelas afecções de sofrimento e prazer que são independentes do princípio de razão. A efetividade do nosso mundo é o reverso do mundo como vontade e suas características se opõem, embora sejam proporcionais e complementares. Considera, a partir de sua leitura de Schopenhauer, que a Vontade é livre, a essência atemporal daquilo que emerge e, por sua vez, conforme já escrevemos, a Vontade é sem-fundamento. Ora, diz Schopenhauer: “A Vontade, como coisa-em-si, está tão pouco submetida ao princípio de razão quanto o sujeito do conhecimento, que definitivamente, numa certa perspectiva, é a Vontade mesma ou sua exteriorização”²⁸.

Conhecemos as exteriorizações da vontade no mundo como representação, isto é, nos fenômenos da vida, uma vez que só como fenômeno alguma coisa pode ser transitória, por que, ao contrário, como coisa-em-si, destitui-se o tempo e o pensamento do fim. Enquanto indivíduos, somos Vontade de vida mesma numa singularidade da objetivação, por isso sentimos o querer em movimento e o sofrimento contínuo desencadeado por sua solicitação. Caso não fosse assim, e o homem encontrasse na vida toda a satisfação (apenas lembrando que na obra schopenhaueriana o sofrimento é essencial à toda vida) e de bom grado pudesse se deleitar com seus acontecimentos, esse homem não teria nada a temer, vendo, por exemplo, com indiferença a sua finitude²⁹.

Em verdade, trata-se de lembrar que somos a vontade mesma³⁰, da qual todo mundo é cópia ou objetivação e, sendo assim, temos o tempo presente como a forma única do fenômeno da vontade. Tal ponto de vista coloca a vontade afirmando a si mesma, e isso significa que o mundo, a vida, quando em sua objetividade, faz a essência ser plena, pois foi dada na sua plenitude e distinta nas representações. No entanto, essas informações ou semelhantes conhecimentos, não impedem de maneira alguma o seu querer, exatamente porque a vida é reconhecida e desejada sob essa insígnia. Com isso, se até o momento em que a vontade era vista sem conhecimento, como ímpeto cego e,

²⁸ Idem, p. 363.

²⁹ Idem, p. 367-368

³⁰ Podemos articular essa frase da seguinte forma, pois, em *Le monde comme volonté et comme représentation*, Schopenhauer preconiza: “*La volonté étant la chose même en soi, le fond intime, l’essentiel de l’univers, tandis que la vie, le monde visible, le phénomène, n’est que le miroir de la volonté, la vie doit être comme la compagne inséparable de la volonté*”. [“A vontade de ser a mesma como tal, o fundo íntimo, a essência do universo, enquanto a vida, o mundo visível, o fenômeno, é apenas o espelho da vontade, a vida deve ser como a companheira inseparável da vontade”], p. 324.

em seguida, com conhecimento, deliberada e conscientemente, é porque está na completa afirmação da vida³¹.

No que tange às pulsões, orientando-nos pela acurada reavaliação filosófica do texto psicanalítico de 1920 proposta por Almeida, observamos que aqui Freud praticamente se obriga a uma retificação, visto que reconhece na conservação do indivíduo, um caso particular de um impulso para a vida, ou seja, uma especificidade das pulsões de vida. Agora, quando Freud examina a reprodução dos organismos elementares, é possível compreender o porquê da seguinte designação: em verdade, as pulsões de vida são as sexuais; tanto porque ele percebeu que as pulsões trabalham para que os organismos sobrevivam ao indivíduo (acrescentando que elas provocam o encontro dos organismos com outras células germinais) quanto pela influência na preservação da existência por um período de tempo mais longo. Freud, com essa viravolta, revela o combate indefinido, contínuo e perpétuo que acontece entre as pulsões de vida e de morte³².

Fiel à hipótese da pulsão de morte, Freud realiza mais uma reformulação, introduzindo uma ligação fundamental à pulsão de vida. Enquanto essa estabelece relações, tendo como meta mantê-las em vida, ligando-as, a outra, por sua vez, desata relações e pretende destruir as coisas, reconduzindo os seres vivos ao inorgânico do qual nasceu. Desse modo, podemos considerar uma pulsão que procura conduzir o que é vivo à morte, e outra, que está perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida.

Em verdade, a luta que se manifesta está presente na atividade desejante, sempre ávida pela sua concretização, seja por um objeto, pela conquista, felicidade, poder e por um nome. Seja por uma última palavra que possa salvar o humano da sua condição faltante, lacunar, que possa representá-lo e dizer com segurança, com garantia, onde está o remédio e a saída para o destino de cada ser vivente. De fato, por vezes encontramos efêmeras nomeações ou realizações que se confundem, se perdem, se esvaem, porque são fugidias, e escorrem sem que tenhamos tempo para contê-las, impedi-las e acalmá-las peremptoriamente. Vemos que o homem é atravessado por inúmeros contrastes e segue procurando de forma indefinida a completude, uma finalidade de acordo com o

³¹ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 368-369.

³² ALMEIDA, R. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 292-293.

seu representante, mas que nunca é alcançada.

Ora, é essa impossibilidade que lança cada sujeito ao encontro com uma satisfação parcial, visto que a vontade, a pulsão e o desejo aspiram continuamente; buscam um preenchimento que apazigue ou cale a forçosa voz que não se cansa de dizer ou desdizer, de ludibriar e repetir incessantemente sons que escutamos desde sempre. Trata-se de escutar e depois fechar os ouvidos para que uma nova nota apareça a partir de uma criação, de uma invenção.

Dessa forma, a manifestação do drama do mundo equivale a um impulso de vida (pulsão de vida) e um impulso de morte (pulsão de morte), ou seja, na vida há uma luta perene entre o que a psicanálise chama de desejo (porque o desejo é sempre desejo de outra coisa, nunca se satisfaz completamente) e o que Schopenhauer nomeia como vontade, sempre esfomeada e ávida pela sua concretização³³. Assim, tanto para Freud quanto para Schopenhauer, um embate como esse provoca angústia e sofrimento. Portanto, segundo Almeida:

a vontade schopenhaueriana é ambivalente na medida em que nela se desenrola um incessante e sempre recomeçado combate entre a vida e a morte. E na visão de Freud, as forças se revelam ambíguas, porquanto haveria, de um lado, as pulsões sexuais que impulsionam o organismo para a continuação e a propagação da vida e, de outro, as pulsões do ego que o impelem na direção da morte ou do estado inanimado.³⁴

Destarte, a psicanálise trouxe à tona a existência e a ação de um além do princípio do prazer, constituída da relação do sujeito com outra satisfação, que escapa às palavras, que escapa a qualquer sentido. Lacan, no *Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, ao falar sobre o além do princípio do prazer, destaca: “A vida só está presa ao simbólico, de maneira despedaçada, decomposta. O próprio ser humano se acha, em parte fora da vida, ele participa da pulsão de morte. E só daí que ele pode abordar o registro da vida”³⁵.

Desse modo, Almeida deduz que o pior de tudo seria a ausência de angústia, de conflito, de incertezas, porque eliminaria a vida, já que a existência humana é marcada pela falta, pelo desamparo – o despertar do desejo. Todo desejo surge de uma hiância,

³³ BARBOZA, J. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*, p. 52.

³⁴ ALMEIDA, R. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 245-246.

³⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, p. 119.

de uma lacuna, e esse é um movimento rico em possibilidades³⁶. Parafraseando o autor, ao jogarmos com as pulsões (Eros e Tânatos), encontramos nessa disputa a ambivalência, pois é a partir e por meio de uma tensão que se desenrola e se dá significados ao desejo na sua iterativa e sempre renovada insatisfação³⁷. Os objetos do desejo, assim como as pulsões (parciais) são fugidios, embora aspirem pela soberana satisfação que poria fim à desmedida condição da natureza humana. Para Schopenhauer:

Suficientemente feliz é quem ainda tem algo a desejar, pelo qual se empenha, pois assim o jogo da passagem contínua entre o desejo e a satisfação e entre esta e um novo desejo – cujo transcurso, quando é rápido, se chama felicidade, e quando é lento se chama sofrimento – é mantido, evitando-se aquela lassidão que se mostra como tédio terrível, paralisante, apatia cinza sem objeto definido, *langour* mortífero³⁸.

Considerações finais

Com essas reflexões, lembramos das palavras de Almeida, em *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, na passagem em que o filósofo afirma que seria mais exato dizer que a vontade em Schopenhauer assim como as pulsões em Freud têm de fato um objeto, no entanto, este objeto nunca é totalmente colmatado, positivado ou dominado, porquanto nenhum deles seria suscetível para mitigar a fome do desejo. De acordo com o autor, Freud considera que o jogo das pulsões é ambivalente, assim como a vontade schopenhaueriana também o é, uma vez que nelas se desenrolam um combate entre a vida e a morte. Em suas próprias palavras:

Trata-se, talvez, como venho igualmente insistindo ao longo destas reflexões, de uma tendência para o estado inanimado, para o inorgânico, para a morte. Mas é uma morte que só se dá, paradoxalmente, *na* e *através* da própria vida. É Tânatos e Eros que não cessam de lutar um contra o outro, um *no* outro, um *através* do outro, incluindo-se e separando-se para de novo se reunirem³⁹.

Assim sendo, torna-se inescapável o paradoxo que salienta a tensão intrínseca

³⁶ ALMEIDA, R. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 264.

³⁷ Idem, p. 263.

³⁸ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 231.

³⁹ ALMEIDA, R. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*, p. 242.

entre o intervalo de tempo em que encontramos uma reconciliação com o ímpeto fundamental, pois brevemente o dissipamos, e o novo despertar dos anseios marcados pela insaciabilidade do sempre querer mais, da própria acepção do que é o desejo. Conforme Almeida, os desejos nascem de uma necessidade, uma vez que não existe desejo sem a falta, inclusive, somente desejamos porque somos *falta-a-ser*, invadidos pela ausência, privação e sofrimento. Preencher essa hiância, essa impulsão primordial, seria eliminar a própria vida, considerando que ela luta consigo mesma no entrelaçamento entre aquilo que cessa e nunca para de cessar.

Com efeito, em Schopenhauer e Freud, deduzimos que a satisfação sempre pressupõe um objeto, no entanto, esse objeto – devido ao seu caráter de parcialidade e volubilidade que marca essencialmente a vontade e as pulsões – nunca poderá proporcionar uma plena e consumada realização. É bem verdade que o objeto efetivo da satisfação é parcial, portanto, incompleto e inapreensível e, conseqüentemente, impedido de toda e qualquer possibilidade de dominação. Apesar das diferenças de perspectiva entre a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise (que as distanciam do ponto de vista epistemológico, além do método), torna-se imperativo reconhecer uma convergência entre a vontade em Schopenhauer e as pulsões em Freud através de um ponto comum: o sujeito é caracterizado, radical e fundamentalmente por uma falta ou uma clivagem, assim como é atravessado pela tensão que o desejo manifesta e se desdobra numa infinita satisfação-insatisfação⁴⁰.

Efetivamente, se a vontade schopenhaueriana vive de modo perpétuo e incansável de sua própria negação e destruição, em Freud e na teoria psicanalítica, as pulsões – que animam o desejo (igualmente paradoxal) e apresentam-se como um conceito-limite entre o psíquico e o somático – propiciam aos sujeitos a capacidade para falar, simbolizar, significar, resignificar e desejar. Como se pode constatar, a vontade que se afirma e se nega continuamente, jamais chega a uma síntese ou a uma *Aufhebung* terminal. No que se refere ao conceito de pulsão, não podemos pensar numa simples função biológica relativa à necessidade, que uma vez satisfeita, retomará o ciclo até que a vida seja extinta. Lacan atenta para esse fato em sua retomada dos fundamentos conceituais esquecidos pelos pós-freudianos, pois a pulsão é uma força constante, o que lhe impede de uma redução ao plano do somático ou instintual.

⁴⁰ ALMEIDA, R. *Kant, Schopenhauer e o fim do sujeito*, p. 38.

No que se refere à atividade desejante, tudo se desenrola diferentemente. Se o desejo é diferente das pulsões, devemos levar em consideração que não podemos pensá-los separadamente. Enquanto a pulsão aponta para uma tensão no psiquismo que procura descarregar-se simbolicamente, é somente com a linguagem que podemos aceder ao desejo no desenrolar infundável do nosso querer sempre mais. Chegamos assim a um momento de concluir, enfatizando que tanto à vontade quanto às pulsões nos lançam ao desejo, que após ser satisfeito ou insatisfeito não faz outra coisa senão ter uma nova roupagem desejante.

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. A vontade em Schopenhauer e o desejo em Freud e Lacan. In: MURTA, Cláudia Pereira; BOCCA, Francisco Verardi; SIMANKE, Richard Theinsen (Orgs.). *Psicanálise em perspectiva*. Curitiba: CRV, 2009.

_____. *Kant, Schopenhauer e o fim do sujeito*. Síntese, Belo Horizonte, v. 40, n. 126, 2013.

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita. A pulsão e seus destinos. In: CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita; MOTTA, Manoel Barros da. (Orgs.). *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1997.

FONSECA, Eduardo Ribeiro da. *Psiquismo e Vida: O conceito de Impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos (As pulsões e seus destinos). In: _____. *Obras completas*, vol.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1915].

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1917].

_____. Um estudo autobiográfico. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas*

Completas de Sigmund Freud. V. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1925-26].

_____. Além do princípio do prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988 [1920].

_____. *O mal-estar na civilização*. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. Angustia y vida pulsional. In: *Obras completas*, vol. XXII. Buenos Aires, Amorrortu, 1993 [1932].

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985 [1954-1955].

MILLER, Jacques-Alain. *Silet, os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RUDGE, Ana Maria. *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. 1º tomo. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *Le monde comme volonté et comme représentation*. Traduit en Français par A. Burdeau. Établissement de l'édition numérique et mise en page par Guy Heff, Avril 2013 [1912]. Disponível em: <<http://www.schopenhauer.fr>>.

SKAF, Cesar Ricardo. *Anotações pessoais da aula da Unidade I – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: introdução (pulsão)*. Escola Brasileira de Psicanálise (EBP - Delegação Paraná). Curitiba, 2013.

Recebido: 19/06/14
Received: 06/19/14

Aprovado: 25/07/14
Approved: 07/25/14